

DEZ LIVROS PARA CONHECER FRANZ BOAS

Margarida Maria Moura (DA)

Com apenas 25 anos, o físico Franz Boas, nascido em Minden (Westfália), chega às terras geladas de Baffin, no Canadá. Uma viagem para o encontro com os Inuit (conhecidos entre nós pelo termo depreciativo Esquimó) que selou uma drástica mudança em sua vida e no pensamento antropológico. Nesse encontro, Franz Boas torna-se o primeiro pesquisador a conviver durante toda a sua coleta etnográfica com os sujeitos de sua pesquisa (1883-1884).

Fundador da Antropologia Cultural, deve ser considerado o Pai desta disciplina. Como nos diz Roque de Barros Laraia, Boas em seu artigo “As limitações do método comparativo em antropologia” (1896), “fez uma arrasadora crítica do método evolucionista vitoriano e lançou as bases para uma metodologia antropológica que privilegia o trabalho de campo, em uma época em que predominavam os chamados trabalhos de gabinete”.

Criou a escola histórica cultural americana, cujos pressupostos teóricos e metodológicos possibilitaram a consolidação da noção de cultura. Como professor da Universidade de Colúmbia foi também excelente formador de novos pesquisadores, tais como Alfred Kroeber, Robert Lowie, Alexander Lesser, Manuel Gamio, Juan Comas, Leslie Spier, Ruth Benedict, Margaret Mead, Edward Sapir, Paul Radin, Melville Herskovits. Sua influência também pode ser percebida nas obras de Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss, além dos brasileiros Gilberto Freyre – que sempre reconheceu publicamente ser seguidor de Boas -, Alberto Torres, Álvaro Fróes da Fonseca e Maria Júlia Pouchet .

Sua obra **The Mind of Primitive Man** correu o mundo na versão original e recebeu várias traduções, inclusive uma brasileira (Vozes, 2010). Não somente é um marco, por separar a noção de raça da noção de cultura, mas por restringir, por encolher o campo da primeira em privilégio da segunda. E isto sem jamais anular o campo da

antropologia física, o qual aproximou, mais e mais, da antropologia biológica, ampliando o domínio fértil para o diálogo entre biólogos e geneticistas.

Outra obra também disponível em português é **Primitive Art**. No prefácio Boas assinala que “os pesquisadores estão sempre prontos demais a esquecer que as lógicas da ciência – aquele ideal inatingível da descoberta de relações puras de causa e efeito, incontaminadas por qualquer tipo de viés emocional tanto quanto de opinião não provada – não são as lógicas da vida.” E continua: “A muito condenada psicologia introspectiva prova ao observador sem preconceito que as causas que fazem o homem primitivo pensar como pensa estão igualmente presentes em nossas mentes. A conduta particular em cada caso é determinada pelo conhecimento tradicional à disposição do indivíduo.”

Em espanhol, o leitor poderá encontrar **Race, Language, and Culture**, de 1940, obra que reúne 63 artigos, versando sobre raça, língua e cultura. A noção de cultura destaca-se ao diferenciar-se do campo biológico e do campo linguístico, como ressalta George Stocking Jr: “A ideia de cultura radicalmente transformada no seu significado é de fato o elemento central deste novo paradigma, e também grande parte da ciência social do século XX pode ser vista como uma elaboração em detalhe das implicações de cultura.” (“Franz Boas and the Culture Concept”).

Citemos aqui algumas orientações que resultaram deste trabalho de elaboração: a) a antropologia cultural, de Boas e seus discípulos; b) a antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss; c) a antropologia interpretativa, de Clifford Geertz e outros representantes; e d) a antropologia de Marshall Sahlins. Todas são evidências insistentes na permanência das questões que a noção de cultura suscita, em orientações intelectuais divergentes. E continua Stocking Jr.: “Aproximando-nos de um modo algo solto da linguagem de Thomas Kuhn, poderíamos dizer que esta mudança tomada como um todo foi parte crucial da emergência do moderno ‘paradigma’ científico social, para o estudo da humanidade (“Franz Boas and the Culture Concept”).

Kwakiutl Ethnography é o resultado de uma etnografia iniciada em 1886, por ocasião da primeira viagem aos Kwakiutl e se estendeu por quase toda a vida do pesquisador. Junto com o colaborador George Hunt, deu início a um fluxo contínuo de trocas de informações originais sobre a sociedade Kwakiutl, do potlach à gramática, fluxo esse que durou mais de quarenta anos. Hunt deu a Boas a maior parte de sua

formação no idioma do povo Kwakiutl, vizinho ao povo de origem de sua mãe. Fez com que prestasse muita atenção no seu aprendizado, com especial cuidado quanto à gramática, que Boas ainda estudava em 1942, na Universidade da Colúmbia, no ano de falecimento.

Boas faz uma preciosa introdução às questões linguísticas na obra por ele organizada **Introduction to Handbook of American Indian Languages** (1911). Diz-nos Boas: “É óbvio que as tentativas de classificar a humanidade baseadas nas atuais distribuições do tipo [tipo físico, tipo humano], língua e cultura, devem levar a diferentes resultados, de acordo com o ponto de vista esposado; que uma classificação baseada basicamente em tipos [físicos, humanos] tão somente levará a um sistema que representa mais ou menos apuradamente as relações de sangue do povo, que não necessitam coincidir com suas relações culturais e que, do mesmo modo, classificações baseadas na língua e na cultura não necessitam coincidir com uma classificação biológica”. [intercalações de Margarida Maria Moura]. Todos os artigos deste trabalho inauguram a linguística dos povos americanos.

E m **The Shaping of American Anthropology 1883-1911: A Franz Boas Reader**, traduzido para o português como **A Formação da Antropologia Americana 1883-1911: Leituras de Franz Boas**, editada por George Stocking Jr, encontram-se dez capítulos em que descreve e debate os princípios básicos da antropologia boasiana. Destaca-se o estudo analítico da língua, especialmente aquela que foi objeto de trabalho de campo de Boas, a partir de 1886, na região de Vancouver no Canadá. Na Parte II do livro, destaca-se como a questão da língua tem peso próprio e particular na antropologia boasiana. Ela não é só especialidade do linguista, mas especialidade também do antropólogo *ex officio*. A boa etnografia depende sempre do conhecimento fino do povo estudado na pesquisa de campo; cultura e língua se ligam de modo indissociável, mas não sem problemas. Como consequência, como compreensão teórica do campo da antropologia, Franz Boas separou os domínios da raça, da língua e da cultura, atribuindo a cada um força semiológica própria. Esta separação de campos, no entanto, implicou um achado epistemológico que o sábio ofereceu à abordagem cultural por meio da abordagem linguística. Em “On Alternating Sounds”, Boas anunciou a moderna visão antropológica da cultura, enxergando o fenômeno cultural como imposição de significados convencionais ao fluxo da experiência, afirmação que provém nitidamente

de seus conhecimentos, já que a língua é justamente a imposição de significados aos sons.

George Stocking Jr. também editou em língua inglesa no **History of Anthropology** – Vol. 08, *Volkgeist as Method and Ethic: Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition*, no qual se republica o artigo “The Study of Geography”, originalmente publicado em *Raça, Língua e Cultura* entre outros artigos essenciais para se compreender o pensamento boasiano como os de Matti Bunzl, “*Franz Boas and the Humboldtian Tradition*” e Benoit Massin, “*From Virchow to Fischer*”: *Physical Antropology and ‘Modern Race Theories’ in Wilhelmine Germany*”. Na tradição intelectual germânica há raízes importantes da noção de cultura, tanto em sua forma humanística, quanto na sua forma antropológica. De fato é na antropologia alemã anterior a Boas que se encontra a distinção entre *Kulturlvolker* e *Naturvolker*, isto é povos que têm cultura e povos que não a têm. Rudolph Virchow foi o antropólogo mais representativo do período analisado pelo livro, em que a luta de Bismarck com a Igreja Católica foi tratada como *Kulturkampf*.

No centenário de Boas em 1958, Walter Goldschmidt junto com Alfred Kroeber e Robert Lowie reuniu na obra **The Anthropology of Franz Boas: essays on the centennial of his birth**, organizado para a revista *American Anthropologist*, órgão da American Anthropological Association, contribuições em que vários de seus antigos alunos participaram com artigos sobre diferentes aspectos da sua imensa cultura humanística. Destacam-se o artigo de Manuel Gamio sobre Boas como arqueólogo e o artigo de Roman Jakobson sobre o significado gramatical.

Em 2004 o pesquisador brasileiro Celso Castro publicou um livro de artigos de Franz Boas, **Antropologia cultural** (Zahar), traduzidos para o português que foram originalmente publicados no já mencionado *Race, Language and Culture*. As traduções vêm precedidas por um longo artigo em que o autor faz uma apreciação da contribuição de Boas para a Antropologia Cultural de forma inovadora. O livro faz parte da continuação da tradução para a nossa língua das obras de um autor tão importante, possibilitando o seu conhecimento pelas gerações acadêmicas mais recentes, das quais, em inúmeras ocasiões Franz Boas passa inteiramente despercebido.

Boas transcende a produção acadêmica. Sua influência também pode ser percebida na literatura. É o que ocorre com a *Blue Lumber Spot*. Afinal de contas, o que

vem a ser a *Blue Lumber Spot*? A mancha mongólica é nada mais nada menos que o “jenipapo na bunda”, para sermos fiéis ao modo pelo qual esta categoria é designada em vastos setores da cultura brasileira. A famosa poesia de Manuel Bandeira, “Casa Grande-Senzala”, feita para homenagear a primeira edição do livro de mesmo nome de Gilberto Freyre, ocorrida em 1933, diz num verso que “nos brasis abunda o jenipapo na bunda.”

A poesia originalmente aparece no livro de Manuel Bandeira, **Estrela da Tarde - Poesia Completa e Prosa**.